

Caminhos para o estudo da disciplinarização da História na América-Latina

Este dossiê, que convida para a leitura crítica e sob signo da apropriação em sua chave de potência, tem como objetivo (re)pensar a escrita da história, sob os seus vários suportes e performances, em perspectiva global; subvertendo, de alguma forma, a historicização dessa operação a partir do âmbito geográfico estritamente local e/ou nacional, na medida em que o nosso próprio mundo social se orienta por noções, dentre outras, como de globalização, de conectividade, de interatividade e de transnacionalidade. Caminhando por essa paisagem pensamos na (pluri)direcionalidade das formas, disciplinares ou não, ou mesmo híbridas, de escrita da história no mundo; representando-o e agindo nele. Assim, são postas em relevo as redes entrelaçadas de intelectuais; as formas várias de recepção de livros e de outros suportes gráficos; as relações institucionais que atravessam o globo, com as suas respectivas disparidades de poder; e mesmo nas próprias narrativas fabricadas pelas historiadoras e pelos historiadores no tempo. Sob o prisma da história da historiografia revela-se as formas de agências e de apreensão do mundo humano, o que nos faz perceber a promoção e a reprodução das relações de força movidas tanto para a legitimação, porque pensamos nos seus usos políticos implícitos e explícitos, velados ou intencionais, das maneiras desiguais de organização da existência social, mas, também, como resistência ou como insubordinação disciplinada.

O tema desta proposta de dossiê é o da disciplinarização, o que implica pensar na constituição dos acervos históricos, dos museus, da implementação do ensino de história nas escolas e universidades e outras instituições que colaboraram com a pesquisa no campo, de modo a mensurar algumas das características da prática historiadora ainda observadas no tempo presente. Necessitamos refletir, lembrando das lições de Manoel Luiz Salgado Guimarães, a disciplina história perpassada pela instituição do poder, da desigualdade, das formas de referendar lugares de fala ditos ajuizados, da eliminação do indisciplinado, do apagamento das disputas e das tensões, da naturalização dos textos e das autoras e dos autores considerados autorizados (por quem?), do silenciamento de lugares de fala que produzem saber, mas que são excluídos no interior das comunidades e das sociedades (educadoras e científicas) institucionalmente estabelecidas e legitimadas. Muitas das vezes reprodutoras de privilégios estabelecidos pela personalidade cordial. Interrogar as historiografias disciplinares é, no limite, uma maneira radical de democratizá-las e de diversificá-las modulando-as através de uma gestual de natureza, antes de tudo, ética. Abandonar o seu estudo crítico, a sua vigilância propositiva, é não outra coisa do que autorizar e ratificar, de maneira muitas das vezes interessado, a lógica desigual de produção do saber histórico.

Michel Foucault, em sua aula no Collège de France *A ordem do discurso*, afirma que uma disciplina, e projetamos isso para as historiografias ditas disciplinares, algo que nos motiva a continuar

esse tipo de saber: *um domínio de objetos, um conjunto de métodos e um corpus de proposições* que passam a ser considerados legítimos, com valoração de verdade, conformando certas regras, técnicas e instrumentos conhecidos. De algum modo, esses instrumentos são compartilhados por determinados grupos, coletivos de pensamento, por intermédio de um jogo dinâmico de consensos e de dissensos. Em outra oportunidade, esclarece o conceito de disciplina: *conjunto de elementos (objetos, tipos de formação, conceitos e escolhas teóricas) a partir de uma única mesma positividade, no campo de uma formação discursiva unitária*. Todo esse aparato de saber, de formas de prover inteligibilidade ao mundo fenomênico, fica à disposição daquele que queira dela se valer epistêmicaamente. A validação dos conhecimentos inscritos em uma disciplina não está vinculada a nenhum autor em especial, mas, sim, a uma comunidade discursiva historicamente ambientada. Lembrando que os próprios instrumentos de análise não são naturais ou imparciais, mas carregam consigo o olhar daquela ou daquele que os movimenta, prefigurando a ordem da pesquisa. Caminhar pelos meandros das historiografias disciplinares permite desnudar os ditos e os interditos na escrita da história, na clássica definição de Michel de Certeau. Por isso precisamos nos voltar criticamente, movendo uma espécie de ferrão nietzschiano nessa aventura, para as formas como a história é fabricada em todas as suas etapas, antes e depois da prática em si, do arquivo, passando pela composição epistêmica e pela escrita, até à recepção, pois existem impactos de ordem social e, mesmo, nos corpos das pessoas, que sendo disciplinadas são docilizadas em suas formas de ação no mundo. Lembramos que a história tem efeito de agenciamento, o que impacta como as pessoas se orientam, falam, agem e participam da sociedade. Estudar a disciplinarização da história significa (re)avaliar as práticas ligadas à escrita e ao ensino de história, herdadas de outros tempos, de acordo com a contingência do tempo presente.

O dossiê se dirige para as Américas, historicamente dominada pelas formas ditas “civilizadas”, mas promotoras de *epistemicídio*, de produção de saber. Não apenas historicizando-as, mas partindo para o que *devoramos antropofágicamente*, em uma *gestual crítico-decolonial*, dessa educação histórica nos oferecida ao longo do tempo. Reenviamos a nossa mensagem: aqui também se faz história; nos portamos, muitas das vezes, através do signo da resistência, e não como reprodutores passivos de um centro.

O texto *O Pan-Americanismo e a escrita da História brasileira*, de Gabriela Correa Goettems permite pensar sobre a inserção do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em um contexto americano de produção de história, que teve inúmeros desdobramentos a partir do I Congresso Internacional de História da América, de 1922, organizado pelo mesmo Instituto com considerável participação estrangeira. Tal argumentação contribui para o debate sobre o IHGB nos tempos republicanos, que passou por diversas transformações institucionais para se adequar à nova época, implicando formas de pensar a história.

O texto *Reunir documentos para escrever a história: as coleções de Pedro de Angelis na Buenos Aires do século XIX*, de Deise Cristina Schell, permite problematizar a organização de acervos históricos na Argentina a partir da figura de Pedro de Angelis, que não apenas colecionava documentos históricos, como publicava na imprensa, com repercussão nacional e internacional. Este quadro pode ser entendido em um âmbito ainda maior, da necessidade de circulação de documentos para a escrita da história, prática comum também encontrada em outros periódicos, como a própria Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

No texto *Os arquivos privados e a intimidade: uma revisão bibliográfica sobre os usos na historiografia e a problemática de acesso*, de Matheus Alves Soares, traz contribuições para pensar o uso de documentos privados na escrita da história, tão importante para constituição dos acervos públicos modernos, que ganha novos capítulos a partir da Lei de Acesso à Informação e a Lei Geral de Proteção de Dados, sobretudo quando pensamos em acervos históricos compostos a partir de metadados de redes sociais e sobre os debates a respeito da publicidade que devem ter os agentes públicos.

O estudo *Memorial do Colégio Manoel Ribas: história e patrimônio em risco*, de Maria Helena Nascimento Romero, é uma importante iniciativa no que tange o pensamento sobre os arquivos, mais especificamente pensando em termos de preservação patrimonial, e não apenas como um modo de “arquivo histórico”. A proposta ganha ainda mais relevância por se pautar em testemunhos, tornando ainda mais vívidas aquelas memórias. O texto apresenta e divulga o projeto “Memorial do Colégio Manoel Ribas: espaço de pesquisa e ensino”, que foi aprovado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul – SEDUC, e desenvolvido no Colégio Manoel Ribas do ano de 2015 até o advento da pandemia. Iniciativas como essa dão suporte para práticas exitosas em termos de ensino e de pesquisa no âmbito do ensino básico, articulando educação e sociedade.

O trabalho *Memória sobre os outros, memória sobre si: representações da prática docente no curso de história da UFRN, pelo olhar da “geração de 1976”*, de Clivya Nobre, também articula o giro-testemunhal ao dar voz a um grupo de estudantes do curso de História da UFRN, chamada de “geração de 76”. O interessante deste estudo está na proveitosa articulação de fontes, que vai de entrevistas às análises de documentos administrativos contemporâneos. É possível entender, pelas memórias trabalhadas, não só a História como disciplina, mas como saber com pregnância social; articulação fundamental. Há um diálogo entre memória viva e memória oficial, que pode se materializar até mesmo nos corpos. Esse horizonte memorialístico, da formação em História na UFRN, foi projetado para o período de ação desses sujeitos no ambiente da redemocratização, em fins dos anos 1980.

A contribuição de Cristhiano dos Santos Teixeira em “*O Pan-Americanismo e o século XX: a historiografia pan-americana na Revista do IHGB*” também volta-se para a reflexão sobre as dinâmicas do pan-americanismo a partir da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/IHGB em um período pouco estudado pelas comunidades de leitoras e de leitores de história da historiografia brasileira, quer dizer, entre as décadas de 1930 e 1960, momento esse, da emergência das universidades e de rarefação da importância da instituição carioca junto ao cenário cultural local. O pan-americanismo é tomado como conceito em paralelo com os projetos nacionais ali fabulados. Outros conceitos são mobilizados visando capturar formas de experiência do tempo nos contexto da Segunda Guerra e Guerra Fria: nacionalismo, progresso e temporalidade. Por fim, essa forma de panamericanismo parecia indicar o sentimento nacionalista envolvido no clima do centenário das Independências americanas.

Por fim, na *entrevista com Pedro Afonso*, observa-se reflexões sobre os caminhos possíveis a serem percorridos para uma narrativa interroga sobre a formação da prática historiadora no continente latino-americanos. São hipóteses, recortes e métodos, avaliados para um projeto que ainda está por ser feito e que deve considerar a particularidade de cada região. Dessa forma, almejamos a evidenciação das lógicas disciplinares, com as suas relações de força visíveis e invisíveis, do interior da própria disciplina e das suas comunidades (auto)legitimadoras e reguladoras. Valorizamos autoras e autores latino-americanos; as formas de difusão e de transmissão do saber histórico à nível global a partir de movimentos (pluri)direcionais, pensando, sempre, na disciplinarização e na institucionalização (e, também, na profissionalização) isso, ao menos desde o século XVIII. As categorias podem, e precisam, ser as mais diversificadas e plurais para alcançarmos esse propósito (político?), devendo ser potencializadas e intensificadas por nossos *lugares de fala* não temendo o chamado ecletismo, algo que, inclusive, identifica a nossa postura insubmissa, que muitas das vezes interditado retira a nossa capacidade criativa e de ressignificação epistêmica: recepção, circulação, mediação, tradução, apropriação, comparação, leitura, afinidades eletivas, e muitas outras.

Buscamos fazer ver, a partir da disciplina mesmo e das suas performances, porque ela é uma instância de poder, e devemos diversificá-la e democratizá-la, e isso pode ser feito pela história da historiografia, que tem a capacidade de oferecer condições de criticidade, os lugares de sociabilidade e as redes autorais; as maneiras de mediação estabelecidas por nossas(os) intelectuais Americanos; reconhecimento dos movimentos intelectuais marginalizados; a comparação criativa e por critérios diversificados entre as historiografias latino-americanas; a circulação (e o impedimento de circulação a partir de constrangimentos) dessas(es) intelectuais; as(os) silenciadas(os) e as(os)esquecidos.